

TAMBOR DE MINA E UMBANDA: O culto aos caboclos no Maranhão

Mundicarmo Ferretti

Publicado no Jornal do CEUCAB-RS: **O Triangulo Sagrado**, Ano III, n. 39 (1996), 40 e 41 (1997).

TAMBOR DE MINA E UMBANDA: O culto aos caboclos no Maranhão⁽¹⁾

Mundicarmo Ferretti - UEMA; INTECAB

RESUMO: Visão geral sobre a religião afro-brasileira do Maranhão e, em especial, sobre as entidades espirituais caboclas, apoiada em pesquisa sistemática realizada em terreiros de Mina de São Luís, a partir de 1984, em entrevistas e observações realizadas no interior do Estado e em terreiros de outras denominações religiosas afro-brasileiras. Fala da relação e das diferenças entre as entidades espirituais caboclas e as indígenas e compara o caboclo do Tambor de Mina com o recebido em terreiros de Umbanda no Maranhão.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia Social; Religião afro-brasileira; Tambor de Mina; Umbanda; Caboclo.

INTRODUÇÃO

Antes de começar a falar sobre o culto aos caboclos no Maranhão, gostaria de agradecer ao *Conselho Estadual da Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros do Rio Grande do Sul* pela oportunidade de participar deste encontro, e ao seu Conselheiro-Geral: Sr. Adalberto Antônio Pernambuco Nogueira pela forma atenciosa como fomos e estamos sendo tratados.

Gostaria também de informar que, embora tenha uma ligação com a Casa das Minas-Jeje (onde toco um instrumentos musical - cabaça), minha ligação com a religião afro-brasileira é maior como pesquisadora, uma vez que não sou iniciada.

Queria ainda esclarecer que minha pesquisa sistemática sobre religião afro-brasileira é centrada no Tambor de Mina da capital maranhense. Por essa razão, embora eu tenha realizado observações e entrevistas em terreiros de outras cidades maranhenses, como Codó e Cururupu, e em terreiros de Umbanda da capital e do interior, vou tratar aqui mais sobre o caboclo no Tambor de Mina. (Se alguém estiver interessado em ler ou xerocar algum dos meus trabalhos anteriores mais relacionados ao tema a ser desenvolvido aqui, estou deixando na coordenação dois livros, um LP e cópia de alguns artigos publicados por mim últimos dez anos sobre religião afro-brasileira e entidades espirituais caboclas).

A RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA NO MARANHÃO

Não se pode falar em religião afro-brasileira do Maranhão sem falar em Tambor de Mina e nos dois terreiros mais antigos dessa denominação religiosa, localizados no bairro de São Pantaleão (Centro): a *Casa das Minas - Jeje*, consagrada ao vodum Zomadonu, e a *Casa de Nagô*, consagrada ao orixá Xangô - abertas em meados do século passado por africanos.

Acredita-se que a primeira tenha sido fundada por uma rainha do antigo reino do Dahomé, vendida como escrava após o falecimento do Rei Agonglô (1797), ou por pessoa por ela iniciada (VERGER, P., 1990). Fala-se que a Casa de Nagô foi aberta por outro grupo, com a colaboração da primeira, razão pela qual é muito ligada a ela. Fala-se ainda na Casa das Minas

⁽¹⁾ Apresentado no II Seminário Cultural e Teológico da Umbanda e das Religiões Afro-Brasileiras. CEUCAB/RS, 10-13/10/1996; publicado no jornal: *O triangulo Sagrado*, nº39 a 41/96; divulgado também em <http://www.geocities.com/Augusta/1531/tambor.htm>.

da existência no passado de um terreiro Cambinda muito ligado à casa Jeje em Codó, interior do Estado⁽²⁾.

O Tambor de Mina surgiu na capital do Maranhão, se expandiu pelo Pará, Amazonas, outros Estados do Norte e para as capitais que receberam grande número de migrantes do Norte, como Rio de Janeiro e São Paulo. Embora hegemônico no Maranhão, o Tambor de Mina - Jeje, Nagô, Cambinda, foi sincretizado no passado com manifestação religiosa de origem indígena denominada Cura/Pajelança e com uma tradição religiosa afro-brasileira, surgida em Codó (MA), denominada Mata ou Terecô.

A partir dos anos sessenta a Mina e a Mata passaram a ser influenciadas pela Umbanda, tanto na capital como no interior do Estado. Hoje, embora as casas de Mina mais antigas não tenham se filiado a Federações de Umbanda, muitos terreiros de Mina e de Mata adotaram a Umbanda e, apesar de continuem realizando rituais de Mina, Mata e Cura⁽³⁾, se apresentam como de Umbanda e participam de atividades promovidas pela Federação como: a Festa de Iemanjá, no ano novo, e a Procissão dos Orixás, no aniversário da fundação de São Luís.

O Candomblé só penetrou de forma mais visível no Maranhão depois dos anos setenta, especialmente na Casa Fanti-Ashanti, sobre a qual trato especificamente em *Desceu na Guma* (1993) e em *Tambor de Mina, Cura e Baião na Casa Fanti-Ashanti* (1991).

Os terreiros de Mina mais antigos não estimulam a abertura de outras casas. A Casa das Minas não reconheceu, até hoje, nenhuma outra como Mina-Jeje e a Casa de Nagô, embora tenha reconhecido vários terreiros antigos como dela oriundos, não preparou ninguém para abrir terreiro (fala-se que algumas vodunsis foram autorizada, por sua entidade espiritual, a abrir terreiro e que depois da casa aberta tiveram acompanhamento de sua mãe-de-santo durante dois anos).

O empenho da Casa das Minas e da Casa de Nagô para impedir a multiplicação de terreiros de Mina justifica a suspensão ali de iniciações completas desde 1914, e a falta de ligação direta de outros terreiros com elas. Os pais-de-santo que preparam hoje pessoas para abrir ou comandar terreiro foram iniciados em casas extintas e/ou completaram sua iniciação fora do Estado e fora da Mina.

No Tambor de Mina são cultuados voduns e orixás (africanos), gentis (nobres associados a orixás ou entidades africanas com nomes brasileiros) e caboclos (entidades surgidas nos terreiros brasileiros). Essas entidades são organizadas em nações e em famílias, e possuem diferenças de idade bem marcadas. Mas, embora as mais velhas sejam mais prestigiadas, as mais novas (às vezes crianças) podem ser também “donas da cabeça” e podem ser recebidas em todos os toques, como: os gêmeos Tossá e Tossé e a princesa Sepazim, da família real do Dahomé (recebidos na Casa das Minas-Jeje); e Menino Da Lera (da família do Rei da Turquia).

Na Mina as entidades masculinas e adultas são mais numerosas e vêm nos toques com maior frequência. Os caboclos, geralmente, só são “donos da cabeça” quando o médium não

⁽²⁾ Sobre a Casa das Minas existem dois livros muito importantes e conhecidos: o de NUNES PEREIRA (1ª edição de 1947) e o de Sergio FERRETTI (1ª edição de 1985). Não existe ainda nenhum trabalho exaustivo sobre a Casa de Nagô, embora muitos pesquisadores tenham dedicado a ela várias páginas em suas obras. Sobre Codó existe uma tese de pós-graduação defendida em 1945, nos Estados Unidos, por COSTA EDUARDO (1954), não traduzida para o português. Existe uma literatura razoável sobre a Casa Fanti-Ashanti (de pesquisador e do pai-de-santo), aberta em 1958 e introdutora do Candomblé no Maranhão (BARRETTO, 1977; FERREIRA, 1984; 1987; FERRETTI, M, 1991; 1993). Merece ainda destaque um livro de Maria do Rosário SANTOS (1989) que trata também do Terreiro da Turquia, Terreiro de Iemanjá e Terreiro Fé em Deus.

⁽³⁾ Existem no Estado pelo menos três Federações de Umbanda: a *Federação de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros do Maranhão, de 1962*, (fundada por José Cupertino de Araújo); o *Tribunal de Ogum*, fundado por Ribamar Castro (ligado a Jamil Rachid, em São Paulo); e uma Federação comandada pelo pai-de-santo Sebastião do Coroadó. No interior, a Federação de Umbanda do Piauí é também muito atuante.

recebe vodum ou gentil, no entanto, na maioria dos terreiros, costumam ser recebidos com maior frequência e permanecer em terra por mais tempo.

No Maranhão, os terreiros de Mina abertos por africanos são chefiados espiritualmente por vodum ou orixá (Zomadonu e Xangô), mas a chefia de entidade cabocla é bem antiga nos terreiros de São Luís e parece ter começado com o Terreiro da Turquia (que, segundo seu atual dirigente, é de 1989).

Embora haja uma certa uniformidade na representação das entidades espirituais, a nação, a família e a idade de uma entidade pode variar de um terreiro para outro, uma vez que se apoiam em relações múltiplas muito complexas. Na Mina maranhense, o vodum Averequete é nagô assentado no jeje; a cabocla Jarina é turca mas pode vir na família do Rei Sebastião; Legua-Boji é vodum cambinda mas é chefe de uma linha de caboclo e pode vir bem velho ou ainda moço.

A religião afro-brasileira no Maranhão, em suas diversas denominações é bastante ligada ao catolicismo. Além dos terreiros realizarem festas e rituais do catolicismo popular, como a *Festa do Espírito Santo*, *Queimação de Palhinhas do Presépio*, *Batismo* (na igreja ou no terreiro, com água benta), alguns ritos católicos são indispensáveis nas festas de voduns e encantados, como: *missa*, *procissão e ladainha* (em latim).

As festas de voduns e encantados costumam ser também animadas por brincadeiras do folclore como: *Tambor de Crioula*, na do vodum Averequete e do caboclo Jariodama (da família da Turquia); *Bumba-Boi*, na do vodum-cambinda Léguas Boji-Buá e do caboclo Corre-Beirada (filho de Dom Luiz Rei de França)⁽⁴⁾.

Na Mina as festas são muito frequentes, acompanham o calendário santoral católico e costumam incluir três noites de toque. Em algumas datas do ano quase todos os terreiros fazem toques (20/1 - São Sebastião; Sábado de Aleluia; 2º domingo de Agosto - Averequete; 4/12 - Santa Bárbara). Em varias outras datas muitos terreiros tocam uma ou três noites (24/6 - São João; 29/6 - São Pedro; 26/7 - Santana; 28/9 - São Miguel; 8/12 - N.Sra. da Conceição; 13/12 - Santa Luzia). Existem algumas datas festejadas em uma ou em poucas casas, mas no Maranhão, só não se faz toque na Quaresma (período do calendário cristão).

Embora, excetuando-se a Casa das Minas-Jeje, os médiuns no Maranhão recebam mais de uma entidade espiritual, na Mina geralmente se dança, à noite toda, com a mesma entidade (com a dona da cabeça, seu senhor ou senhora, ou com seu guia -caboclo chefe). Nos terreiros onde os médiuns têm muitas entidades de categorias diferentes, costuma ocorrer toques em homenagem a determinadas categorias de entidades, com estrutura idêntica ao usual (como a *Festa das Moças*, do Terreiro Fé em Deus), ou com estrutura diferente (como a *Bancada*, realizada com entidades femininas).

Alguns terreiros realizam também para determinadas categorias de entidades toques especiais como: o *Tambor de Borá* (para índios, precedido, geralmente, por acampamento “na mata”) e o *Tambor de Fulupa* (com “cama de espinhos” para os encantados), ambos realizados em São Luís, no Terreiro Fé em Deus. A Casa Fanti-Ashanti realiza também uma festa para entidades femininas ligadas à Cura/Pajelança, no dia de Santa Luzia (13/12), denominada *Baião*, que, apesar da incorporação das entidades femininas, lembra os *Bailes de São Gonçalo*, do catolicismo popular. E, embora os Pretos-Velhos sejam mais cultuados em terreiros de Umbanda, algumas casas de Mina, como o Terreiro de Iemanjá de Pai Jorge Itaci, realizam, no dia 13/5 (dia da abolição da escravatura no Brasil), um toque e um *Tambor de Crioula* em homenagem às entidades velhas da Mina: Mãe Maria, Pai José, Camundá de Holanda.

Na Mina não há festa para Exu e incorporação de Pombagiras. Nos terreiros mais antigos, como mostrou Sergio FERRETTI (1985), Legba é saudado com respeito, de forma

⁽⁴⁾ Essa ligação da religião afro-maranhense com o folclore foi mostrada por Sergio FERRETTI no vídeo: *Religião e cultura popular* (1996) e é tema de sua pesquisa iniciada em 1992.

discreta, “para que não perturbe os trabalhos”. Outras entidades assumem seu papel tradicional nas religiões africanas. Na Mina-Jeje, os *toqüenos* (voduns jovens) da família de Queviosô falam pelos mais velhos (que são mudos na Casa das Minas).

No Maranhão, a entidade espiritual que “abre as portas” para caboclo é Averequete, “vodum nagô assentado no jeje”, como costuma falar Dona Celeste, uma das vodunsis mais conhecidas da Casa das Minas-Jeje. É saudado na abertura do Tambor da Mata e, na Mina-Nagô, quando “o tambor vira prá mata” - quando se faz um corte no toque de Mina para homenagear os caboclos e, geralmente, nos terreiros de caboclo, os voduns dão passagem a eles. Depois que o “tambor vira prá mata” passa-se a cantar em português e os caboclos podem expressar suas características próprias com maior liberdade, principalmente onde os voduns “sobem” antes do encerramento do toque, e eles passam a tomar conta do barracão. Nesse contexto costumam usar lenços coloridos, bradar, dar rodadas, sair do salão para fumar e, em algumas casas, para beber, e passam a cumprimentar a assistência de modo mais afetuoso e menos formal do que o dos voduns e gentis.

Algumas entidades caboclas da Mina possuem características semelhantes as de Exu e Pombagira. Alguns caboclos são vistos como fortes mas perigosos e vingativos; fazem uso de bebida alcoólica, de palavras e gestos chistosos e meio obscenos (como os turcos, a família de Legua-Boji e os surrupiras). Mas essas características são reprimidas na maioria dos terreiros mais tradicionalistas.

Os terreiros de Mina, geralmente, não fazem iniciação completa de muitas pessoas e não anunciam, aos “de fora”, quem tem maior fundamento. As vodunsis da Casa das Minas que não moram no terreiro, embora possam fazer pedidos aos voduns em suas casas, precisam ir ao terreiro até para acender uma vela e, se recebem em casa a visita do seu vodum, este têm que ir ao “come/peji” (no terreiro) antes de “subir”.

Na Mina tradicional, geralmente, a comida oferecida aos voduns fica algumas horas no quarto de santo e depois é consumida pelas pessoas no terreiro. Na Mina-Jeje a obrigação é servida em pequenas tigelas preparadas no “come”. Só na de Acossi (realizada em janeiro, no dia de São Sebastião) e no “arrambã” ou bancada (realizado na 4ª feira de cinzas), é que a comida de obrigação é dividida “pelos voduns” na sala ou no barracão. Na Mina-Jeje, os pertences dos voduns (roupas, colares, leque, cachimbo, bengala, chicote, etc.) devem ficar na casa e, após a morte das vodunsis, podem ser usados por ele, quando incorporados em outra pessoa.

Na Mina tradicional a clientela dos “mineiros” é, geralmente, vinculada a eles por parentesco biológico ou ritual e a clientela dos encantados é constituída de pessoas que têm ligação com eles, com o pessoal do terreiro e com a religião. Só as pessoas “mais ligadas” ficam na Casa das Minas ou na Casa de Nagô para falar com os voduns e só estas procuram as vodunsis depois do toque para receber delas um banho, passe ou benzimento. Os terreiros mais antigos têm suas portas sempre abertas mas neles não há horário para consulta e nada do que é feito ali em benefício de alguém é cobrado ou tem preço estipulado.

Nos terreiros de Mina mais antigos não se joga búzio. Na Casa das Minas não se costuma dizer a que entidade espiritual uma pessoa pertence, fala-se que é o próprio vodum que deve revelar a ela a sua escolha e a missão dela decorrente. As pessoas “de fora” que começam a freqüentar aquela casa, geralmente, tem alguma amizade com uma vodunsi ou simpatia por um vodum e essa relação é interpretada como uma ligação com o vodum, até “prova em contrário”. Todos que estabelecem esse tipo de relação passam a colaborar com a casa. Os mais ligados são integrados a ela como “assisis” de um determinado vodum e, “quando chega a hora” recebem uma “guia” (colar de proteção). São essas pessoas que, em caso de necessidade, levam um pacote de velas para serem acesas no come/peji, pela vodunsi

que está no comando da casa, e que recebem uma tigelinha de comida de obrigação e uma garrafa de banho quando essa é encerrada⁽⁵⁾.

ENTIDADES ESPIRITUAIS CABOCLAS DO TAMBOR DE MINA

Na Mina as distinções entre voduns, gentis e caboclos interessa mais a antropólogos do que aos médiuns e pais-de-santo. De modo geral, o termo vodum é usado para designar as entidades da encantaria africana (jeje, como Dossu, nagô, como Xangô, cambinda, como Vandereji) e, às vezes, de forma genérica, para designar as entidades mais antigas e prestigiadas recebidas no Tambor de Mina.

O termo gentil designa encantados da nobreza européia, geralmente cristã, associados a orixás e, às vezes também, a santos católicos. Esses encantados são também classificados como nagô-gentil ou como vodum-cambinda. Entre eles merecem destaque: Rei Sebastião, associado a Xapanã e a São Sebastião; Rainha Dina, associada a Iansã; Rainha Rosa, associada a Santa Rosa de Lima e a Oxum; Dom Luiz, Rei de França, associado a Xangô e a São Luís (Luiz IX).

No Maranhão, o termo caboclo designa entidades distintas dos voduns africanos e dos gentis, mas, difíceis de serem definidas e caracterizadas. De modo geral os caboclos são:

- 1) encantados que tiveram vida terrena mas não podem ser confundidos com espíritos de mortos (eguns), do astral, e alguns deles pertencem a categorias não humanas como os botos e surrupiras;
- 2) são associados às águas salgadas, como os turcos; à mata, como a família de Léguas-Boji; à água doce, como Corre-Beirada (oriundo da Cura/ Pajelança);
- 3) pertencem à encantaria brasileira mas podem ser originários de outros países (França, Turquia);
- 4) têm ligação com grupos indígenas mas podem ser nobres que preferiram ficar fora dos castelos;
- 5) são recebidos freqüentemente, mas nem sempre na qualidade de “donos da cabeça”;
- 6) são homenageados, geralmente, no final ou no último dia do toque mas podem ser recebidos em rituais onde há voduns.

Na Mina, falar em caboclo é falar em Mina-Nagô ou em Mina cruzada com Mata, Cura/Pajelança ou Umbanda, já que na Casa das Minas-Jeje não se entra em transe com ele. Na Casa de Nagô o caboclo é muito antigo e integrado com voduns e gentis. Fala-se que no passado eles eram ali recebidos em todas as festas mas em noite reservada a eles. Hoje dançam na roda dos voduns e gentis e só as pessoas que conhecem bem a casa e as vodunsis podem identificar quem está com, gentil ou caboclo.

Alem de toques para voduns (e orixás), gentis e caboclos, os terreiros de Mina realizam também rituais onde ocorre transe com índios, surrupiras, botos, fulupa ou com outros encantados que só podem participar dos toques de Mina se “vierem como caboclos” (civilizados ou humanizados). Como as entidades indígenas são mais amplamente conhecidas na religião afro-brasileira e temos informações mais completas e sistematizadas sobre elas do que sobre as outras, vamos tratar agora um pouco sobre a relação dos caboclos com elas.

⁽⁵⁾ Na Mina do Maranhão, só os pais-de-santo que começaram como curadores/pajés, como terecozeiros, ou que se ligaram à Umbanda, Quimbanda ou Candomblé são procurados por maior número de clientes e só em salão de curador se pode encontrar movimento de pessoas durante os toques para consultar um guia espiritual.

Índios e caboclos na Mina e na Umbanda maranhense

Como já esclarecemos, na *Mina* do Maranhão, os caboclos nem sempre têm origem indígena e os que têm não se manifestam de modo selvagem nos toques de Mina. Há uma tendência nos terreiros maranhenses para distinguir índio (selvagem, que usa arco, flecha e vestimenta de pena), caboclo de pena (índio aculturado) e caboclo (não índio, às vezes turcos ou descendentes de nobres europeus).

Em terreiros de Mina a exibição de características selvagens, o usos de arco, flecha e de vestimenta indígena por médium incorporado, geralmente, só aparece em rituais destinados exclusivamente a entidades indígenas (como o *Tambor de Índio*, *Borá* ou *Canjerê*, realizado com uma estrutura diversa do toque de Mina), no *Brinquedo de Cura* (Pajelança) ou na *Gira de Umbanda*, quando ha incorporação com entidade indígena.

É preciso lembrar que as entidades espirituais na Mina não usam paramentos muito elaborados. Os mineiros costumam dançar “fardados” - todos de calça ou blusa branca e saia ou camisa da mesma cor (branca, vermelha, verde, amarela, azul, rosa, estampada). Na Mina-Jeje os voduns mais velhos costumam usar no ombro esquerdo um lenço dobrado do mesmo tecido da saia, e alguns usam bengala (como Lepon) ou chicote na mão (como Dossu). Fala-se do uso, no passado, de chapéu de feltro, por vodum da Casa das Minas-Jeje. Na casa de Nagô, pelo menos atualmente, os voduns não usam paramentos (nem os nagô, como Xapanã, nem os cambinda, como Pedro Angassu, e nem os jeje, Bossa).

No terreiro da Turquia, chefiado pela entidade conhecida por Rei da Turquia, as entidades espirituais fazem uso de grandes lenços de seda coloridos, dobrados em diagonal e amarrados na cintura (como Rei da Turquia), no pescoço (como Jaguarema), ou enrolados na mão (como Mensageiro de Roma). Essa prática é também adotada pelos turcos em outros terreiros de caboclos (ou “bêta”, como são denominados na Casa das Minas-Jeje).

Atualmente, em terreiros que se definem como Mata ou que têm linha de Codó, como o de Jorge Itaci, alguns encantados costumam usar chapéu de couro ou de palha, principalmente, em toque realizado para a família de Légua-Boji (vaqueiro) ou em homenagem a algum caboclo importante na casa (por exemplo, no aniversário do guia-chefe do pai-de-santo ou mãe-de-santo)⁽⁶⁾. O chapéu de couro é também usado no Samba Angola (Candomblé de Caboclo) e na Umbanda Omolocô por médiuns incorporados com boiadeiros.

Em alguns terreiros, como na Casa de Nagô, não é fácil diferenciar voduns, gentis e caboclos. Na Mina todos são organizados em famílias, tem mitologia e identidade, falam, cumprimentam a assistência, podem dar um passe, benzer ou usar sua energia (vibração) para curar uma pessoa da casa ou um freqüentador do terreiro (embora não dêem consulta). Mas, existe uma coisa que os distingue claramente das outras entidades espirituais: as doutrinas (pontos cantados) de caboclo são em português. Podem ter algumas palavras africanas mas suas letras podem ser compreendidas pela assistência e repetidas pelos filhos-de-santo quando falam dos ensinamentos e mistérios de sua religião.

Alguns caboclos da Mina são, às vezes, também recebidos na Cura/Pajelança ou em rituais de outras tradições religiosas afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé de Caboclo. Quando isso acontece, é comum o uso de nomes ou de repertórios musicais diferentes. Mas é preciso lembrar que nem sempre caboclos da Mina que têm nomes conhecidos em outras manifestações religiosas afro-brasileiras podem ser considerados a mesma entidade espiritual. Embora haja migração de caboclos de uma linha para outra (como é o caso de Jurema) e, talvez, de Bartira), muitos caboclos da Mina que têm nomes

⁽⁶⁾ Geralmente nestes rituais são tocados, além dos dois *abatas* da Mina-Nagô (tambores de duas membranas, suspenso por cavaletes e percutidos com a mão), o *tambor da mata* (instrumento típico e tradicional de Codó, de uma só membrana, tocado com um dos lados apoiados em forquilha e outro tocando o solo. Esse tambor tem forma e tamanho semelhante a do tambor grande da Mina-Jeje, mas é tocado com as duas mãos, inclinado para a frente).

conhecidos na Umbanda parecem não serem a entidade de mesmo nome recebida na Umbanda. Entre esses podem ser citados: Tabajara, Ubirajara e Tapindaré, da família do Rei da Turquia.

Uma grande diferença entre a Mina e a Umbanda em relação ao caboclo reside na frequência em que ele é representado como índio e o uso de imagens (estátuas) para representá-lo. Nos terreiros de Mina mais antigos ou presos ao modelo da Casa das Minas e da Casa de Nagô, só os santos têm estátuas. As entidades espirituais são identificadas por guias (colares de contas) e estes, representam mais a sua família do que cada entidade individualmente. O uso de pontos riscados parece não ser também tradicional na Mina. Sua utilização nos terreiros de caboclos parece ser consequência de seu contato com a Umbanda.

CONCLUSÃO

No Maranhão o culto ao caboclo é amplamente desenvolvido e só não é encontrado na Mina-Jeje. Embora cada denominação religiosa afro-brasileira tenha suas entidades caboclas estas podem ser também encontradas em rituais que não pertencem a sua origem, uma vez que a maioria dos terreiros têm mais de uma “linha” (Mina, Cura, Mata, Umbanda, Candomblé) e os médiuns, geralmente, têm ligação com mais de uma delas.

No Tambor de Mina existe uma separação maior entre caboclo e índio do que entre caboclo e vodum. Além do vodum Averequete abrir as portas para caboclo na Mina-Nagô e na Mata de Codó, geralmente, os chefes das grandes famílias de caboclo da Mina têm parentesco ritual com voduns. No Terreiro da Turquia, Averequete é padrinho de muitos encantados e, no tempo da fundadora daquele terreiro, Rei da Turquia dançava com uma “guia” dada a ela por Polibiji.

No Maranhão, tal como os voduns, o caboclo tem identidade própria, família, mitologia e simbologia complexa. Na Casa de Nagô e nos demais terreiros que têm caboclos eles podem ser recebidos junto com os voduns, nos mesmos rituais, e têm um comportamento muito semelhante ao deles. Mas, algumas entidades, como Legua-Boji-Buá, são tão próximos aos voduns e aos caboclos que chegam a ser classificadas por uns como vodum cambinda e por outros como caboclo (príncipe guerreiro, chefe da Mata de Codó, filho de Dom Pedro Angassu e Rainha Rosa)⁽⁷⁾.

Embora as entidades espirituais os caboclas no Maranhão tenham sempre alguma ligação com o índio (população nativa do Brasil), só alguns são representados como tendo origem indígena. Na Mina o conceito de caboclo depende mais de seu surgimento no Brasil, como entidade espiritual, e de sua posição na cabeça do filho-de-santo do que de suas características étnicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARRETTO, Maria Amália Pereira. *Os voduns do Maranhão*. São Luís: FUNC, 1977.

COSTA EDUARDO, Octávio da. *The negro in Northern Brazil, a study in acculturation*. New York: J.J. Augustin Publisher, 1948.

FERREIRA, Euclides Menezes. *A Casa Fanti-Ashanti e seu alaxé*. São Luís, Gráfica Alcântara, 1987.

⁽⁷⁾ Em Codó (MA), Legua-Boji é também conhecido como um preto-velho angolano, vaqueiro, afilhado ou filho adotivo de Dom Pedro Angassu.

----- . *O Candomblé no Maranhão*. São Luís: Gráfica Alcântara, 1984.

FERRETTI, Mundicarmo. *Tambor de Mina, Cura e Baião na Casa Fanti-Ashanti*. São Luís: SECMA, 1991 (Lp e encarte).

----- . *Desceu na Guma: O caboclo do Tambor de Mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís - a Casa Fanti-Ashanti*. São Luís: SIOGE, 1993.

----- . *Terra de Caboclo*. São Luís: SECMA, 1994.

FERRETTI, Sergio. *Querebentan de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas*. São Luís: UFMA, 1985.

PEREIRA, Manoel Nunes. *A Casa das Minas: uma contribuição ao estudo da sobrevivência do culto dos voduns, do panteão Daomeano, no Estado do Maranhão - Brasil*. 2ª ed., Petropolis: Vozes, 1979 (1ª ed. de 1947).

SANTOS, Maria do Rosário Carvalho. *Boboromina: terreiros de São Luís, uma interpretação sócio-cultural*. São Luís: SECMA, 1986.

VERGER, Pierre. Uma rainha africana mãe-de-santo em São Luís. *Revista USP*, São Paulo, n.6, jun.jul.ago., p.151-158, 1990.